

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO PEDAGOGIA LICENCIATURA

Valeska Alessandra de Lima

**Vozes que ecoam do *Morro Milenar*: um estudo sobre os discursos difundidos  
no anuário *Colunas* (1937-1954)**

Porto Alegre  
1 Semestre  
2014

Valeska Alessandra de Lima

**Vozes que ecoam do *Morro Milenar*: um estudo sobre os discursos difundidos  
no anuário *Colunas* (1937-1954)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profª Drª Dóris Bittencourt Almeida

Porto Alegre  
1 Semestre  
2014

## RESUMO

Este trabalho é produto da pesquisa *Escritos de alunos: memórias de culturas juvenis (1940-1960)*, que toma como objeto de investigação os periódicos produzidos por alunos de diferentes instituições escolares de Porto Alegre/RS. O estudo vincula-se aos pressupostos teóricos da História Cultural e inscreve-se no campo da História da Educação em suas interfaces com a Imprensa Escolar e a História das Instituições Educacionais. O foco da análise foi perceber as marcas deixadas pelos jovens no periódico *Colunas*, anuário produzido pelo Instituto Porto Alegre/IPA, procurando distinguir indícios de saberes e práticas escolares que evidenciam as identidades daqueles sujeitos. A estratégia metodológica utilizada foi o exame da materialidade e dos discursos difundidos em textos e imagens ao longo de doze edições. Percebe-se que, embora o IPA estimulasse um certo protagonismo estudantil na edição do *Colunas*, mimetizavam o formato estético e discursivo dos *yearbooks* norte-americanos. Ao final da análise, vê-se que talvez a única marca que pareça autêntica dos alunos sejam as charges presentes nas divisórias das seções do anuário. Estas imagens demonstram algumas críticas ao mesmo tempo em que satirizam acontecimentos e personagens do universo escolar, demonstrando certa dissonância quando observadas a luz de textos e fotografias que procuravam exaltar a “*Escola Magestosa*”.

PALAVRAS-CHAVE: Periódicos Estudantis. Memórias Juvenis. Práticas de Leitura e Escrita

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista aérea das construções do IPA.....	17
Figura 2: Fachada do Porto Alegre <i>College</i> (centro), do <i>Birmingham Southern College</i> do Alabama/EUA (esquerda) e da <i>Southern Methodist University</i> de Dallas/EUA (direita). .....	18
Figura 3: Notícia sobre excursões e campeonatos e atividades físicas realizadas pelos alunos do IPA.....	22
Figura 4: Capas das edições do <i>Colunas</i> de 1937 a 1954 .....	28
Figura 5: Comparativo entre as Capas dos <i>yearbooks</i> <i>La Revue, Birmingham</i> (esquerda), <i>Rotunda, SMU</i> , (centro) e do anuário <i>Colunas, IPA</i> (direita). .....	29
Figura 6: Comparativo entre as seções do <i>Colunas</i> (IPA), <i>Rotunda</i> (SMU) e <i>La Revue (Birmingham)</i> .....	30
Figura 7: Professor Cayoby segurando um ralador .....	35
Figura 8: Representação dos professores nas charges das seções do <i>Colunas</i> . .....	37
Figura 9: Representação dos alunos dentro da Escola.....	37
Figura 10: Representação dos alunos fora da Escola .....	38

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>2 APORTES TEÓRICOS: “FONTES DE INSPIRAÇÃO”</b> .....	<b>9</b>
<b>3 METODISMO NO RS: “ALMA MATER”</b> .....	<b>12</b>
<b>5 O ALUNO IPAENSE NAS PÁGINAS DO COLUNAS: “RECORDAR É VIVER”</b> .....	<b>24</b>
5.1 EXAME DA MATERIALIDADE.....	26
5.2 EXAME DOS DISCURSOS.....	32
5.3 CHARGES.....	35
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“O estudo da história proporciona uma experiência semelhante àquela que obtemos quando viajamos para um lugar que ainda não conhecemos. Nos dois casos, deparamos com “o outro”, algo distante de nós no tempo e no espaço.”*  
(Lopes e Galvão, 2010)

As autoras acima demonstram, em parte, meu sentimento como aluna do Curso de Pedagogia que transita por outros tempos e lugares através das pesquisas no campo da História da Educação. Ser essa *estrangeira* que viaja pelos domínios de Clio, a musa da História, me faz refletir sobre os múltiplos aprendizados que o contato com o outro (mesmo que um outro distante no tempo e espaço) possibilita.

Chegar ao final do Curso de Pedagogia, depois de diferentes leituras e escritas, para compilar no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) meses de pesquisa, ainda parece um exercício desafiador. A preocupação neste momento é a de apresentar um texto claro e coeso que entrelace minhas apropriações teóricas à análise de alguns aspectos da complexa realidade escolar presente nas páginas do anuário *Colunas*, impresso escolar publicado pelo Instituto Porto Alegre (IPA), entre 1937 e 1970.

O objetivo da investigação é identificar que marcas foram deixadas pelos jovens alunos do IPA no periódico *Colunas*, procurando distinguir indícios de saberes e práticas escolares que evidenciam as identidades daqueles sujeitos que estudavam em um colégio com características estrangeiras.

A coleção do *Colunas* é composta por vinte e quatro exemplares que estão disponíveis para pesquisa no Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço (MMEBI), localizado no Colégio Americano e na Biblioteca do Centro Universitário IPA Metodista, em Porto Alegre. De posse destas edições, optei por examinar a temporalidade de 1937 a 1954, pois nesta época, o professor Oscar Machado da Silva esteve à frente da Reitoria<sup>1</sup> da instituição. Tal escolha se deve ao fato de que este professor gaúcho, fortemente identificado com a cultura norte americana, parece ter sido o responsável por difundir algumas tendências pedagógicas da Escola Nova, implantar elementos que expressavam um

---

<sup>1</sup> A utilização das expressões, Reitoria e Reitor, serão explicadas ao longo do trabalho.

sentimento de pertencimento ao IPA e pela nacionalização do colégio, durante a década de 1930.

Este estudo é um desdobramento do Projeto “Escritos de alunos: memórias de culturas escolares juvenis (1940-1960)”, do qual faço parte como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC CNPq-UFRGS), desde 2010. Seu objetivo é estabelecer novas perspectivas investigativas para a História da Educação e conhecer as memórias juvenis de outros tempos a partir da análise dos periódicos produzidos pelos alunos de diferentes instituições escolares de Porto Alegre, entre as décadas de 1940 e 1970. Pela participação nesta pesquisa me aproximei dos impressos escolares: *Clarim* (Colégio Farroupilha), *O Crisol* (Colégio Americano), *Colunas* (IPA) e imergi neste campo. Assim, diante de sujeitos, objetos e práticas venho ampliando a visão sobre os diferentes processos que envolvem as instituições escolares ao longo das permanências e transformações sociais e culturais identificadas.

Ecléa Bosi (1995) diz que o ato de lembrar é uma reconstrução das experiências do passado a partir das imagens e ideias que dispomos hoje. Então, olhando para trás com *as lentes* que uso hoje percebo que sempre gostei de transitar pelos campos da História, principalmente quando relacionada à Educação. Talvez seja possível dizer que tal familiaridade esteja ligada ao fato de ser filha de uma historiadora que me encantava com narrativas eloquentes sobre o passado ou por ter circulado por cerca de vinte anos em uma escola centenária de Porto Alegre. Ou ainda, pelo grande incentivo da professora orientadora durante as práticas da pesquisa acadêmica. Enfim, estes fatores impulsionaram minha curiosidade e o interesse por desvelar os vestígios de um passado que chega até mim, de forma fragmentada, por diferentes meios. Minha sensibilidade de jovem pesquisadora tem sido aguçada pelas possibilidades de estabelecer relações de análise entre as fontes e os contextos nos quais estavam inseridas.

Contudo, não posso deixar de mencionar, minha participação, a partir de 2011, como bolsista voluntária no Projeto “Memórias e Histórias da FACED”. Uma pesquisa de caráter institucional que me colocou diante de estudos sobre Memória, História Oral e História das Instituições Escolares. Foi neste projeto que consolidei o encanto pela área e exercitei a reflexão sobre os processos que entrelaçam as vidas dos sujeitos e das instituições e provocam relações fortes que podem deixar marcas importantes em suas memórias individuais e coletivas.

Entendo que este TCC representa uma espécie de síntese dos estudos realizados por mim ao longo de quatro anos neste no campo de estudo. A apropriação dos conceitos e rigores metodológicos me conduziram à apresentação de trabalhos científicos e à publicação de artigos em co-autoria em um livro<sup>2</sup> sobre o Colégio Farroupilha e periódicos qualificados<sup>3</sup>. Destaco também a participação nos Encontros da Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) de 2010 a 2013<sup>4</sup>, onde conheci pesquisadores com diferentes caminhadas na área; no Salão de Iniciação Científica da UFRGS em 2011<sup>5</sup> e da PUC/RS em 2012 e 2013<sup>6</sup> e, no Congresso Internacional de Educação e Mostra Científica na Unisinos, em 2011 e 2012<sup>7</sup>.

No primeiro capítulo, apresento um apanhado que retrata brevemente os principais conceitos que embasam as discussões teóricas que permeiam as análises relacionadas à História da Educação e sua interface com a imprensa escolar. No segundo capítulo trago alguns aspectos da História do Metodismo entrelaçado com as concepções pedagógicas de seu fundador John Wesley, desde a constituição do movimento na Inglaterra do século XVIII até chegar ao Estado do Rio Grande do Sul. No terceiro, abordo a constituição do Porto

<sup>2</sup> ALMEIDA, D. B.; LIMA, V. A. Memórias Juvenis nas Páginas de um Periódico: O Clarim (1945-1965). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. (Org.). Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008). 1ed. Porto Alegre: EdPUCRS, 2013, v. 1, p. 183-208.

<sup>3</sup> BITTENCOURT ALMEIDA, Doris; DE LIMA, Valeska Alessandra; DA SILVA, Thaise Mazzei. A constituição da Faculdade de Educação/UFRGS em tempos de ditadura militar (1970 - 1985). Revista Tempo e Argumento, v. 5, p. 317-346, 2013.

<sup>4</sup> DE LIMA, Valeska Alessandra; BLOSS, Elisabete. A melhor coisa da minha vida! História de vida de uma professora primária. In: Anais 16º Encontro da ASPHE, 2010, Porto Alegre, 2010.

LIMA, V. A.; ALMEIDA, D. B. Nas páginas do Clarim e do Crisol: um estudo sobre periódicos escolares (1940-1960). In: Anais 17º Encontro da ASPHE, Santa Maria, 2011.

LIMA, V. A. ; MAZZEI, T. ; MOREIRA, F. F. Memória FACED: implicações da ditadura-civil-militar no cotidiano da faculdade. In: Anais 18º ASPHE, Porto Alegre, 2012. p. 386-397.

BITTENCOURT ALMEIDA, Doris; DE LIMA, Valeska Alessandra; DA SILVA, Thaise Mazzei. O Colégio de Aplicação da UFRGS: Memórias Apagadas (1954-1996). In: Anais 19º Encontro da APSHE, Pelotas - UFPel, 2013.

<sup>5</sup> LIMA, V. A. A revista o Clarim e a produção de identidades femininas no Colégio Farroupilha (1945-1964). In: Anais XXIII Salão de Iniciação Científica UFRGS, 2011.

<sup>6</sup> LIMA, V. A. ; MAZZEI, T. ; MOREIRA, F. F. FACED e as greves: memórias de um tempo não muito distante (1970-2010). In: Anais XIII Salão de Iniciação Científica PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

DE LIMA, Valeska Alessandra. A constituição do Colégio de Aplicação/UFRGS pelas memórias de suas fundadoras: Graciema Pacheco e Isolda Paes. In: Anais XIV Salão de Iniciação Científica da PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

<sup>7</sup> LIMA, V. A. ; Almeida, D. B. . A Melhor Colega . A produção de identidades femininas na Revista O Clarim (1945-1964). In: VII Congresso Internacional de Educação - Profissão docente: há futuro para este ofício?, Unisinos, São Leopoldo, 2011.

MOREIRA, F. F.; LIMA, V. A. ; MAZZEI, T. . Memória FACED: Rememorações de uma instituição docente (1970-2010). In: III CICPG - Congresso de Iniciação Científica e Pós-Graduação e XIX Mostra Unisinos de Iniciação Científica, São Leopoldo, 2012.



*Alegre College*, instituição de ensino Metodista fundada em Porto Alegre, na década de 1920 que se transforma no Instituto Porto Alegre/IPA na década seguinte, devido às instruções governamentais que exigem a nacionalização das escolas estrangeiras, durante o Estado Novo. A seguir, o quarto capítulo está dividido em três partes, inicialmente apresento o anuário *Colunas*, periódico produzido pelo IPA de 1937 a 1970 no qual faço um recorte até 1954. Procuo também, apresentar a materialidade das doze edições escolhidas para este estudo procurando perceber as características do suporte, bem como os elementos que favoreceram sua constituição. Por fim, analiso os tipos de discursos difundidos nas páginas do anuário e procuro identificar quem os publicava e com que finalidade, bem como perceber quais marcas foram impressas pelos jovens alunos do IPA nas doze edições analisadas.

## 2 APORTES TEÓRICOS: “*Fontes de Inspiração*”

*“[...]... história é que nem fio:  
A gente tece e o fio cresce, a gente inventa e  
tudo que a gente tenta se transforma em coisa nova.” (Souza, 2002)*

As tramas que venho tecendo entrelaçam História Cultural, História da Educação e Imprensa Escolar, conceitos aqui abordados que constituem o cerne desta pesquisa. Ao mesmo tempo, trago alguns aspectos relacionados à História das Práticas de Leitura e Escrita e à História das Instituições Educacionais.

A História Cultural é uma corrente historiográfica de caráter interdisciplinar que procura se distanciar da história de cunho tradicional ao valorizar os sujeitos como aqueles que fazem a História de seu tempo. Para Maria Teresa Santos Cunha (1999), o alargamento das possibilidades investigativas a partir desta vertente historiográfica, possibilita ao pesquisador realizar estudos de “outros campos do conhecimento, de sujeitos e de objetos até então inexplorados” (p. 41). Com esta perspectiva mais abrangente, política e economia deixaram de ser consideradas como centrais para as pesquisas, abrindo espaço para que os estudos sobre cultura e sociedade ganhassem destaque. Lopes e Galvão (2010) atentam que essa legitimação das pesquisas no campo da História da Educação se deve à renovação do *olhar* lançado sobre os objetos de análise e novas fontes que são valorizadas pela História Cultural.

Assim, a História da Educação é aqui compreendida como um campo de investigações sob a perspectiva de Pierre Bourdieu (1989) de que “um campo pode ser compreendido como um espaço estruturado de posições” (p. 212) que possui regras, princípios e hierarquias que são definidos de acordo com as relações entre aqueles que fazem parte do espaço social. De acordo com Sandra Pesavento (2003) o campo da História se encontra em um espaço situado entre “verdade e ficção, entre o real e não real” (p. 107) e rejeita as verdades definitivas. E, aos pesquisadores caberá realizar uma leitura interpretativa dos fragmentos encontrados, apresentando um discurso aproximativo que reconstrua e explique alguns aspectos do passado de forma verossímil, procurando compreender as ações humanas por diferentes formas de conhecimento.

Para Stephanou e Bastos (2005), o estudo de aspectos da realidade educativa de outros tempos possibilita aos pesquisadores perceber as continuidades e mudanças que

atribuíram sentidos ao trabalho educativo, uma vez que não há mudança sem história. Isso permite que o educador apóie suas práticas e concepções em uma “cultura geral, profissional e na tradição pedagógica” (p. 426), realizando uma reflexão plural e crítica sobre o percurso histórico do qual faz parte. Antônio Nóvoa (2005) alerta que a prática de escrever sobre História não deve se limitar a descrição de pessoas e acontecimentos relacionados às escolas. Pelo contrário, deve procurar compreender, por meio de uma análise crítica, o papel dos sujeitos e de suas identidades como produtores desta mesma história.

Para além da História da Educação num sentido *latu sensu*, é importante analisar, ainda que brevemente, alguns de seus entrelaçamentos com a Imprensa Escolar e a História das Instituições Educativas. A Imprensa Escolar constitui-se num *corpus* documental que carrega múltiplas faces do passado educativo no que diz respeito às práticas e às concepções pedagógicas e sociais, principalmente quando posta em relação com a sociedade além dos limites dos muros escolares (CATANI E BASTOS, 1997). Produzidos e publicados por alunos, professores ou instituições e atravessados por diferentes intencionalidades, os jornais ou revistas escolares deixaram vestígios através dos quais podemos reconstruir alguns aspectos daquela complexa realidade.

A difusão da escrita de um jornal nas escolas remonta às primeiras décadas do século XX, quando educadores colocaram em prática algumas propostas pedagógicas da Escola Nova, entre elas a de promover um certo protagonismo do aluno. Através do jornal escolar, era possível dar visibilidade para os escritos dos jovens que se materializavam nas publicações impressas. As escolas buscavam estimular a participação dos alunos em todos os processos que envolviam a produção e circulação dos periódicos. Bastos (2013) salienta que a partir da década de 1920, as experiências de Célestin Freinet ampliaram a circulação do “jornal escolar como texto livre” (p. 7). A publicação de escritos espontâneos auxiliava os alunos na formação cultural que os prepararia para a vida, pois o aprendizado da língua se dava pelo exercício da escrita que era lida por professores e colegas.

Catani e Bastos (1997), ao citarem Pierre Ognier, dizem que a imprensa escolar apresenta uma espécie de testemunho vivo dos métodos e das concepções pedagógicas difundidas em uma época. Através da análise dos discursos veiculados nos jornais escolares podemos nos aproximar dos códigos de uma época. Portanto, nesse diálogo com a História da Educação, entende-se que os periódicos escolares constituíam-se em uma das formas pelas quais professores, diretores e alunos legitimavam suas concepções sobre

determinados assuntos e exercitavam práticas de escrita. Seus textos e imagens oferecem dados básicos que nos ajudam a compreender a educação e o ensino na experiência pedagógica, além de conhecer as diversas faces do processo educativo.

Contudo, ao analisarmos o uso dos impressos escolares é necessário dizer que ele não se restringe ao objeto em si, mas proporciona uma aproximação com outros campos como a História da instituição educativa que promoveu a publicação do jornal ou revista estudantil, bem como dos elementos que constituem a cultura escolar. Para Viñao-Frago (1995), esta cultura refere-se ao conjunto de aspectos institucionalizados, ao cotidiano do fazer escolar, aos modos de pensar, aos objetos escolares, à materialidade física, enfim, cultura escolar é toda a vida escolar. Escolano (1990) reforça essa ideia ao dizer que,

los textos, el mobiliario, los espacios y todos los elementos que componen el utillaje escolar hablan también de nuestros modos de pensar y de sentir, de los sistemas de valores que informaron la educación, de la intrahistoria de la escuela y de las relaciones de ésta con la sociedad de cada época (p. 07).

O conceito de cultura escolar permite estudar diferentes aspectos das experiências partilhadas nas instituições escolares. As escolas portam um “arsenal de fontes” (GATTI JÚNIOR, 2002) e o estudo da História das Instituições Educativas investiga o interior da escola pela “apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos.” (GATTI JUNIOR, 2002, p. 20). São informações fundamentais para a formulação de interpretações sobre as singularidades que as constituíram.

Podemos assim, compreender os periódicos escolares como objetos pertencentes à cultura escolar que revelam

as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc.), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo (NÓVOA, 2002, p.13).

Os periódicos então favorecem a aproximação do pesquisador e sua compreensão sobre diferentes instâncias que constituem as múltiplas identidades das instituições de outro tempo.

### 3 METODISMO NO RS: “*Alma Mater*”

Para Wesley e para o metodismo, é preciso aprender a ler para crescer (progredir) na fé, é preciso saber ler para escalar a “montanha” da perfeição cristã. Portanto, a questão da educação tem também, em Wesley, uma fundamentação teológica. (Mesquida, 1988)

O Metodismo iniciou no século XVIII na Inglaterra, como um movimento evangélico e educativo de renovação social, idealizado pelo pastor anglicano e professor da Universidade de Oxford John Wesley, juntamente com três companheiros. Fonseca (2009) destaca que a denominação *metodista* foi atribuída a Wesley por ser sistemático e organizado nas tarefas que realizava.

John Wesley professava sua fé realizando missões que expressassem seu compromisso social com o povo trabalhador, aquele considerado mais necessitado e empobrecido durante a Revolução Industrial (DORNELES, 2006). Deste modo, demonstrava sua preocupação com uma educação que pudesse modificar a situação de vida destes cidadãos e auxiliá-los a lidar com as dificuldades do contexto social que se apresentava durante a emergência da industrialização na Inglaterra.

Na condição de pastor e professor, Wesley usou de sua erudição para unir diferentes ideias pedagógicas e de evangelização cristã ao construir a proposta filosófica e pedagógica que orientaria as escolas Metodistas. A primeira instituição formal de ensino foi *Kingswood School*, fundada em 1748 para atender aos trabalhadores das minas de carvão de Bristol e seus filhos. Wesley encarava o ensino como fundamental para a “formação de uma sociedade mais justa e igualitária, principalmente para as crianças pobres sem condições de estudarem” (REILY, 1991, p.6). De certo modo, é possível dizer que educação e religião, para ele, eram indissociáveis. Fortemente influenciado pelas ideias de John Locke, Johann Amos Comenius e John Milton, acreditava que o ambiente interferia na constituição humana e a criação de escolas, quando bem reguladas e controladas, era central para a tarefa de reformar a nação (OLIVEIRA, 2008). Entre os objetivos de *Kingswood School* estava o de orientar os alunos para que compreendessem os conteúdos estudados ao invés de repetir ou decorar as matérias. Nesta escola havia espaço para o desenvolvimento dos corpos, mentes e espíritos, a partir de diferentes práticas pedagógicas voltadas inclusive para a

educação de adultos e mulheres. O sucesso desta experiência foi levado para outros países por missionários ingleses e irlandeses.

Cabe destacar que, segundo os estudiosos do Metodismo, o movimento de John Wesley não havia sido criado com intenções de se transformar em uma Igreja. Acontece que, após os Estados Unidos da América (EUA) declararem sua independência da Inglaterra, houve a cisão das práticas Metodistas nestes países. Nestas circunstâncias na América, a agora Igreja Metodista Episcopal tornou-se a denominação protestante mais proeminente no pós Guerra Civil. Contudo, na Inglaterra somente anos após a morte de Wesley é que o metodismo uma Igreja com características um pouco distintas do Anglicanismo e da Igreja Metodista Episcopal dos EUA (Mesquida, 1988).

Apesar da crescente expansão dos fundamentos Metodista em solo americano, na metade do século XIX a Igreja foi dividida entre Norte e Sul devido a divergências relacionadas ao abolicionismo. Coube a vertente Norte manter o nome (Igreja Metodista Episcopal), pois guardava seus princípios bastante calcados nos ideais de John Wesley de que nenhum homem poderia se julgar dono de outro, além da forte preocupação com a educação dos mais necessitados. Já os membros da Igreja Metodista Episcopal do Sul não pareciam compartilhar na íntegra das mesmas convicções dos demais, provavelmente influenciados pelo discurso em defesa da escravidão que era propagado nos Estados sulistas. Somente no início do século XX, Norte e Sul voltaram a se unir como Igreja Metodista Unida (OLIVEIRA, 2008).

Destaco esta divisão territorial e de princípios, pois sob influência das vertentes Norte e Sul, escolas Metodistas com diferentes concepções foram fundadas no final do século XIX e início do século XX, no Brasil<sup>8</sup>. Os americanos da Igreja Metodista Episcopal do Sul concentraram seus esforços principalmente nos Estados da região sudeste, o centro econômico e financeiro do país. Pretendiam pela educação ou conversão ao cristianismo

---

<sup>8</sup> Entre 1870 e 1930 a Missão Metodista fundou os seguintes colégios no Brasil: *Colégio União Uruguiana* em Uruguiana, Rio Grande do Sul (1870); *Colégio Piracicabano em Piracicaba*, São Paulo (1881); *Colégio Americano* de Porto Alegre no Rio Grande do Sul (1885); *Colégio Americano Granbery* em Juiz de Fora, Minas Gerais (1889); *Colégio Americano de Petrópolis* (1895) que em 1920 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde recebeu o nome de *Colégio Bennett*; *Colégio Metodista de Ribeirão Preto* em São Paulo (1889); *Colégio Izabela Hendrix* em Belo Horizonte, Minas Gerais (1904); *Colégio Noroeste Birigüi* em Birigüi, São Paulo (1918); *Porto Alegre College* em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (1923); *Instituto Ginásial de Passo Fundo* em Passo Fundo, Rio Grande do Sul (1920); *Colégio Centenário* em Santa Maria, Rio Grande do Sul (1922). (PIRES, 2011, p. 7)

protestante, “cristianizar as nações, quer dizer, ‘civilizá-las’ de acordo com o modelo ideal: os Estados Unidos da América” (MESQUIDA, 1994, p. 105).

Para esta pesquisa importa dizer que o Metodismo chegou ao Estado do Rio Grande do Sul (RS) em 1875, trazido do Uruguai pelo missionário João da Costa Corrêa. Sua missão estava ligada à vertente Norte do metodismo americano e objetivava construir uma obra para realizar ações de evangelização e a criar escolas. Foi ele que, juntamente com a jovem Carmen Chacon, fundaram o *Colégio Evangélico Misto nº 1* instituição metodista que, mais tarde, viria a ser denominada como Colégio Americano, em funcionamento até a presente data no Bairro Rio Branco, em Porto Alegre. Estes primeiros missionários que se instalaram no RS, traziam os ideais de John Wesley quanto à educação feminina<sup>9</sup> e para os pobres.

Apenas no começo do século XX os missionários sulistas começaram a visitar o RS realizando estudos para a ampliação das obras que eram promovidas pelo país. Na década de 1910 diferentes ações foram realizadas entre elas, a que culminaria na fundação do Instituto Porto Alegre (IPA) na capital gaúcha.

---

<sup>9</sup> O Americano em Porto Alegre foi pioneiro em relação à escolarização das mulheres pela variedade de cursos oferecidos, alguns deles profissionalizantes. Essa preocupação com a formação profissional das alunas evidencia o significado desta instituição de ensino e sua importância para a história da educação das mulheres no Brasil.

#### 4 DO PORTO ALEGRE COLLEGE AO IPA: “Aspectos da Escola Magestosa”

“Lá bem alto, tendo aos pés a cidade grande sob as vistas a grandeza das coxilhas, foram plantadas as bases de granito da Escola Magestosa. Sua própria situação é um atestado de fôrça, saúde e beleza. Ali ela vive exuberante e mais há de crescer para assombro do querido, grande Brasil” (*Colunas*, 1938, p.6).

O IPA, de acordo com o antigo Reitor Edni Schroeder (1982), começou a ser estruturado durante a 3ª Conferência Anual Sul Brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul, ocorrida na cidade de Santa Maria, em 1919. Durante esta conferência, o Bispo John Monroe Moore iniciou um plano de expansão Metodista, em comemoração ao centenário da *Methodist Missionary Society* que continha, entre outras ações, a criação de novas escolas no Brasil, com a finalidade de transmitir uma educação considerada moderna.

Metodistas vindos da Faculdade de Teologia *Southern Methodist University* (SMU)<sup>10</sup> de Dallas/Texas (EUA), fundaram escolas em diferentes Estados e estas instituições se caracterizavam por oferecer um ensino que não era comparável ao ensino católico, até então, predominante no país. Os novos educandários se identificavam com as camadas mais favorecidas economicamente e estavam voltados, inicialmente, para os rapazes das famílias ligadas à Igreja Metodista. Com uma filosofia baseada nos ideais americanos de liberdade, democracia e progresso entre outros, tinham o propósito de “atingir os filhos das elites dirigentes do país [...], pois através dos grupos dominantes é possível levar a influência da ética protestante aos poderes constituídos e então melhorar as condições da sociedade” (MENEGETTI, 2008, p. 846).

Ao que tudo indica, tais escolas atendiam aos projetos da burguesia emergente entrelaçando o viés religioso e os valores do sistema capitalista ao preparar seus alunos para a *liderança* da sociedade brasileira. Estes Missionários se diferenciavam daqueles presentes no RS, que proporcionavam educação para os menos favorecidos e as mulheres, eles estavam criando escolas predominantemente masculinas, voltadas para as classes mais abastadas da população. Percebe-se aqui, um distanciamento da proposta educacional idealizada por John Wesley e difundida pelos membros da vertente norte do Metodismo americano.

---

<sup>10</sup> A SMU é uma universidade privada estadunidense afiliada à Igreja Metodista.



Nesse cenário, conforme Shroeder (1982), em 15 de fevereiro de 1923, o Instituto Porto Alegre foi inaugurado sob o nome Porto Alegre *College*, em um prédio alugado na Rua Marechal Floriano Peixoto no centro da capital. A cidade, assim como todo o país, se modernizava e adquiria novos contornos e serviços, imersa em uma ordem urbano-industrial que irradiava padrões e valores burgueses. Cabe ressaltar que a influência estrangeira na economia gerou profundas implicações sobre os padrões de comportamento da sociedade e muitas cidades brasileiras incorporaram ao imaginário urbano as referências culturais norte-americanas.

A estrutura inicial do *College* havia sido pensada para se tornar uma instituição de ensino superior<sup>11</sup>, inclusive mantinha a figura do Reitor ao invés do Diretor escolar. Os professores e administradores do *College* eram missionários americanos e suas esposas, quase sempre formados pela Faculdade de Teologia *Southern Methodist University* (SMU) dos EUA.

Arabela Campos Oliven (2005), em seu estudo sobre os *Colleges* americanos, aborda que aquelas instituições possuíam o objetivo de formar pastores e líderes religiosos para assumirem as comunidades no território nacional e além dele. Esta ideia vai ao encontro do que estava sendo proposto naquele momento pelos Metodistas em solo brasileiro. Aqui, havia a intenção de formar jovens *de caráter* para assumirem a nação e caberia aos professores serem os responsáveis por oferecer aos alunos um modelo de conduta que passava pela rigidez moral, compromisso com o estudo da Bíblia e as atribuições individuais na comunidade que morava em regime de internato. Alunos e professores residiam no Porto Alegre *College*, havia um edifício para os alunos e professores e uma casa separada para o Reitor e sua família.

A construção do espaço comunitário do Porto Alegre *College*, localizado no Morro Milenar, hoje bairro Rio Branco, parece ter sido bastante influenciada por uma ideia norte-americana de que, em geral, os ambientes universitários se constituíam para atuar de forma praticamente autônoma e retirada da cidade. Seus edifícios, construídos de modo a formar “um quadrilátero gramado circundado pelos principais prédios (a capela, a biblioteca, as salas de aula, os dormitórios, os laboratórios etc.)” (OLIVEN, 2005, p.115) lembram uma

---

<sup>11</sup> Em 1928 foi inaugura a Faculdade de Teologia, mas em 1938 foi transferida para Minas Gerais. Somente em 1970 o objetivo foi efetivamente atingido com a inauguração da Escola Superior de Educação Física.

visão aérea publicada em uma edição do anuário *Colunas* (Figura 1), onde se vê os prédios do *College* na parte mais alta e abaixo, o restante da cidade. Podemos imaginar que estes espaços, ao mesmo tempo em que favoreciam o convívio e a socialização entre alunos e professores, serviam também como um sistema de controle das atitudes daqueles que faziam parte da comunidade acadêmica.

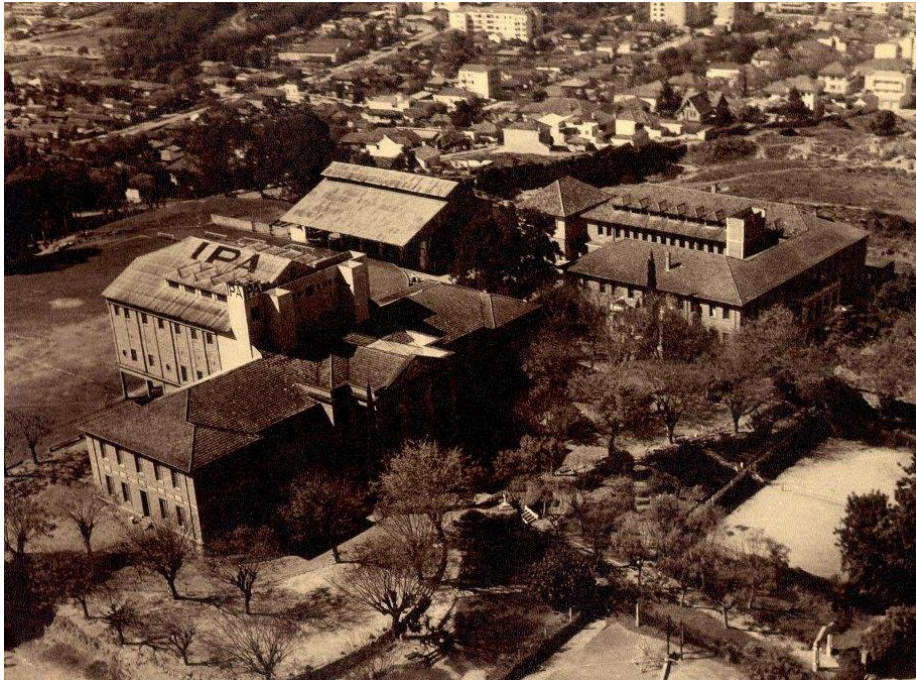


Figura 1: Vista aérea das construções do IPA  
Fonte: *Colunas*, 1958

Ainda identificando aproximações estruturais entre o Porto Alegre *College* com as construções norte-americanas, há que se atentar para o padrão observado na fachada destas edificações. A inspiração da arquitetura no estilo neoclássico, provavelmente está relacionada às simbólicas construções americanas como o Capitólio, na capital Washington/DC que apresenta grandes *Colunas* em estilo grego. Prédios como este se tornaram característicos naquele país, pois os norte-americanos acreditavam que sua busca pela independência refletia uma democracia com inspirações gregas baseadas em ideais de liberdade, soberania e dignidade. (GLANCEY, 2001).

Percebem-se então, pelas fotografias localizadas no *Colunas* (Figura 2), consideráveis semelhanças entre as *Colunas* jônicas encimadas por uma faixa de frontão triangular vistas no Porto Alegre *College*, no *Birmingham Southern College* do Alabama e na *Southern Methodist University* de Dallas.



Figura 2: Fachada do Porto Alegre College (centro), do Birmingham Southern College do Alabama/EUA (esquerda) e da Southern Methodist University de Dallas/EUA (direita).

Fonte: La Revue, Rotunda e Colunas

Segundo Schoreder (1982), as identificações entre o Porto Alegre College e as instituições Metodistas americanas iam além da inspiração arquitetônica e estrutural, havia certa relação de dependência financeira, administrativa e pedagógica, entre elas. Devido aos constantes investimentos estrangeiros no College gaúcho, ele “era conhecido nos meios da Igreja como *Little SMU*” (p. 56) e os jovens porto-alegrenses seriam formados para atuar ativamente sob uma influência liberal e capitalista. Schroeder (1982) também diz que este ensino era considerado de excelência e “conservava a proposta [...] do modelo educacional americano, comprometido com o capitalismo” (p. 61), não fugindo, portanto, dos princípios políticos e pedagógicos identificados com os interesses das elites econômicas.

No aspecto pedagógico, esta escola, assim como as outras instituições metodistas, traziam as inovações pedagógicas da Escola Nova que “pretendia, entre outras coisas, estabelecer uma nova ordem social via escola, reformar a sociedade pela educação e [...] renovar a escola para renovar a sociedade.” (Peres, 2005, p. 115). O Escolanovismo, de acordo com Vidal (2003), iniciou no final século XIX como um movimento que se contrapunha ao ensino considerado tradicional e pretendia realizar a renovação das práticas e ideias pedagógicas tornando o aluno o centro da ação educativa, o protagonista do processo de ensino aprendizagem. No Brasil, são identificadas mudanças na educação sob a

influência deste movimento, especialmente a partir da década de 1920, quando o país passou por uma série de transformações sociais, políticas e econômicas. Talvez seja possível dizer que parte das inovações trazidas por este grupo de professores estrangeiros e incorporadas em suas escolas, tenha demonstrado modelos de educação que aparentemente ajudaram a impulsionar as discussões que se transformaram nas reformas educacionais da década de 1920 e 1930.

Em 1924, um ano após sua fundação, o Porto Alegre *College* passou a realizar todas as atividades nos prédios construídos para ele no “Morro Milenar”. Lá, se desenvolveu como um colégio masculino que oferecia para alunos internos e externos os cursos primário, ginásio e bíblico. Este último visava à formação de pastores para a Igreja Metodista e tornou-se, em 1928, a Faculdade de Teologia que funcionou no IPA até 1938, quando foi transferida para o Instituto Grambery em Juiz de Fora/MG.

Até a década de 1930, a Reitoria do *College* esteve a cargo de gestores americanos<sup>12</sup> e apenas devido às mudanças políticas e educacionais que aconteceram no Brasil no final da década de 1920 é que este modelo foi questionado pelas autoridades que organizavam a educação no país. De acordo com Bastos (2005, p.17), “o nacionalismo já estava presente nas discussões, debates e realizações educacionais desde a década de 1910” e buscava realizar uma ampla reforma moral e intelectual fazendo com que os indivíduos gradativamente se adaptassem às exigências da nova realidade que se apresentava. Neste período o país vivia os esforços da construção de um projeto nacional que fortemente influenciava a educação. Assim, escolas que possuíssem características estrangeiras eram permanentemente *vigiadas* pelos Inspectores de Ensino que faziam relatórios detalhados para o governo do Estado, fornecendo “informações indispensáveis para a ação nacionalizadora do ensino” (Bastos, 2005, p. 57).

No *College* havia Inspectores federais participando da vida da Escola, inclusive seus nomes e fotos aparecem no *Colunas* com o mesmo destaque da figura do Reitor. Schroeder (1982), ao transcrever o parecer nº 22, de 2 de fevereiro de 1931, da Comissão de Ensino Secundário, destaca que os Inspectores, apesar de reconhecerem a alta qualidade de ensino e a excelência das instalações notificam a instituição a realizar uma série de modificações sob pena de não conseguirem renovar a licença para atuação.

---

<sup>12</sup> John R. Saunders (1923-1924); Alan K. Manchester (1925-1926) e Jesse Earl Moreland (1927-1934)

A Comissão de Ensino Secundário examinando os documentos que acompanham o pedido de inspeção permanente do Ginásio Porto Alegre *College*, observa de início a impropriedade da denominação deste instituto, que indica sua qualidade de estrangeiro. [...] Não se encontra nos documentos um só elemento comprobatório de nacionalismo posto em prática no Instituto em apreciação. Não há referência a atividades cívicas como o uso do pavilhão e hino nacional, e o Conselho não pode se desinteressar do assunto. Todos os países do mundo cuidam neste momento de integração nacional e esses elementos são preponderantes na formação do caráter cívico tão fraco presentemente no Brasil (Schroeder, 1982, p. 52)

Diante destas e de diversas indicações feitas pelo Governo do Estado, a primeira ação dos Metodistas foi passar a Reitoria do *College*, pela primeira vez em 1934, para um professor brasileiro. O gaúcho Oscar Machado da Silva que, apesar de nascido em Uruguaiana/RS, carregava as marcas da tradição americana<sup>13</sup> por haver estudado nas universidades Metodistas nos EUA. Além desta modificação, algumas práticas foram adotadas como o hasteamento da bandeira nacional brasileira e o pagamento dos salários dos professores em moeda nacional (SCHROEDER, 1982).

Como forma de demonstrar uma *verdadeira* preocupação com as questões nacionalistas, o Reitor Oscar Machado foi o responsável por concretizar a alteração do nome Porto Alegre *College* para Instituto Porto Alegre (IPA) em 1937. Porém, talvez esta ação tenha feito com que o *College* se distanciasse um pouco da identidade que o constituía há dez anos. Provavelmente, tomado por este sentimento, o professor Oscar Machado tenha se inspirado nas marcas deixadas pela *Alma Mater* dos *Colleges* onde estudou para então, propor a adoção de alguns símbolos que expressassem o pertencimento ao IPA.

De acordo com Oliven (2005) há, nos *Colleges* americanos, uma espécie de aura, uma atmosfera espiritual que produz nos alunos uma marca profunda que

costuma acompanhar, ao longo da vida, todos aqueles que passam pelo mesmo *College* e é denominada a *Alma Mater*. Ela refere-se não apenas àquele ambiente expresso em ideais, valores, normas, atitudes, mas também aos aspectos naturais e arquitetônicos, que caracterizam e dão vida a uma instituição de ensino (OLIVEN, 2005, p. 115).

---

<sup>13</sup> Oscar Machado da Silva, gaúcho da cidade de Uruguaiana, formou-se na década de 1920 em Pedagogia pelo *Birmingham Southern College* do Alabama e em Filosofia pela *Southern Methodist University* (SMU) de Dallas, duas instituições metodistas localizadas nos Estados Unidos.

No IPA, esta experiência foi expressa no “Espírito Ipaense”, um sentimento de pertencimento à escola, “que a todos invade e que continua pela vida com cada um, orientando, esclarecendo e sublimando atos e palavras” (*Colunas*, 1938).

Esta prática também pode ser relacionada ao conceito de cultura escolar trabalhado Dominique Julia (2001, p. 10), que a traduz “como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Os atravessamentos desta cultura importada são visíveis em diferentes práticas, incluindo a proposta pedagógica oferecida aos alunos.

Buscando uma educação integral, os pedagogos do IPA pretendiam atender as diferentes dimensões do desenvolvimento dos alunos e orientar para que todos se engajassem em outras práticas formativas além das consideradas estritamente escolares. Podemos observar no primeiro Estatuto, a procura por um modelo de educação que proporcionasse “à mocidade do Brasil os melhores meios para o desenvolvimento das suas faculdades físicas, intelectuais e moraes [...]” (SCHROEDER, 1982, p.25). Eles acreditavam no equilíbrio entre corpos e mentes sadias e implantaram a prática da ginástica nas aulas de Educação Física. Isso ocupava um lugar de certo destaque na propaganda que em 1948, expressa no *Colunas* que “O IPA proporciona a seus alunos uma cultura física paralela a seu desenvolvimento intelectual”.

À medida que seus pedagogos implantavam conhecimentos e experiências difundidas em outros países, propunham também a realização de excursões e passeios pelo interior do Estado e países vizinhos. Algumas destas atividades podem ser identificadas com as aulas-passeio difundidas pelo educador Célestin Freinet, que compreendia a necessidade de aproximar o trabalho em sala de aula da *vida real* dos alunos. Deste modo, propagou a ideia de que o aprendizado poderia ser mais eficiente quando baseado no desejo do educando.

É possível observar nas páginas do *Colunas*, a importância que havia na realização de viagens como Intercâmbios Culturais, Campeonatos e Visitas a outros Colégios Metodistas (Figura 3). Talvez, seja possível dizer que ao levar estes jovens para conhecer outras realidades, os Metodistas estivessem oportunizando que estabelecessem relações com outros grupos que possuíam objetivos comuns próximos da elite intelectual e econômica da qual faziam parte.



Figura 3: Notícia sobre excursões e campeonatos e atividades físicas realizadas pelos alunos do IPA.  
Fonte: *Colunas*, 1948

As atividades diferenciadas abrangiam também o incentivo para a formação de movimentos associativos entre alunos dentro do colégio, com o objetivo de promover o desenvolvimento cultural, literário e espiritual. Dentre estes agrupamentos, destaco a Associação de Ex-alunos, o Grêmio Literário José de Alencar, o Centro de Cultivo Espiritual, o Centro de Brasilidade General Osório e a Fraternidade Alfa-ômega. Estes dois últimos grupos merecem certa referência pelas peculiaridades não identificadas até o momento em periódicos de outras escolas. O primeiro, o Centro de Brasilidade General Osório, segundo o *Colunas* foi o 1º centro do gênero fundado no RS e tinha a “missão de cultuar o espírito de civismo da nossa mocidade” (*Colunas*, 1938). É de se imaginar que diante do momento de transformação nacional e do elevado otimismo pedagógico dos anos 1920, este centro talvez fosse uma maneira da escola legitimar suas ações frente aos alunos e personificar o “programa de constituição da nacionalidade” (Bastos, 2005, p.17) difundido pelo governo e implantado pelo Reitor Oscar Machado.

Contudo, mesmo diante de todo o apelo nacionalista, no *Colunas* de 1939 se observa o anúncio de uma prática tradicionalmente americana, a implantação da 1ª Fraternidade no Brasil. Certamente influenciada pelas Fraternidades de Universidades norte-americanas<sup>14</sup>, como a SMU, a Fraternidade Alfa-ômega tinha o objetivo de “auxiliar o desenvolvimento espiritual, moral e social dos seus membros, cooperar o Instituto Porto Alegre [...]; socorrer os necessitados, moral e materialmente” (*Colunas*, 1939). Mas resta uma dúvida, será que havia necessidade de mais um grupo voltado para o desenvolvimento espiritual? Quais seriam as atividades desenvolvidas pelos alunos nas reuniões?

Das doze edições analisadas para este estudo, a Fraternidade pareceu apenas em 1939, talvez de 1940 a 1944 ela ainda estivesse ativa, porém não houve circulação do periódico nestes anos, devido aos altos custos de impressão causados pela 2ª grande guerra.

Parece-me que para os missionários estes movimentos que propunham uma organização dos alunos em torno de um objetivo comum é bastante representativo de seus objetivos além dos muros escolares. Talvez, a partir destas atividades, os alunos iniciavam o exercício das práticas de uma vida inspirada no modelo Americano para que, quando chegasse o momento de assumirem os altos postos *a que estavam destinados*, já tivessem a segurança de experiência enriquecedora como a dos movimentos associativos.

---

<sup>14</sup> De acordo com Oliven (2005), as fraternidades são espaços de sociabilidade e ampliam o capital social do estudante por meio de redes de contato com colegas de outras universidades e ex-alunos.



## 5 O ALUNO IPAENSE NAS PÁGINAS DO *COLUNAS*: “Recordar é viver”

No passado grego, fatos ocorreram que, pela sua imponência, por sua grandeza e sublimidade, era necessário fossem perpetuados para satisfação das futuras gerações do mundo. E surgiram as *Colunas*, marcos simbólicos que até hoje vivem [...] Queremos construir para as futuras gerações Ipaenses um símbolo das cousas do tempo presente: nossos sonhos de realizações, nossos esforços de progredir, as colheitas de nossas sementeiras... E aí estão *Colunas* do Instituto Porto Alegre [...] Exatamente como as Gregas... como símbolos que são das virtudes da nossa mocidade, verdade e justiça para Perfeição! (*Colunas*, 1938)

Durante os anos em que o IPA passou pelo processo de nacionalização de sua cultura escolar, o Reitor Oscar Machado da Silva parece ter estimulado a criação de associações e atividades para que os alunos se sentissem participantes ativos da vida da instituição. Dentre as inovações pedagógicas realizadas, destaco a criação do livro anual denominado *Colunas* que tinha o propósito de “catalogar as atividades, o desenvolvimento e as memórias íntimas do IPA” (*Colunas*, 1937) para que no futuro pudessem ser recordadas, conforme exposto pelos Editores na apresentação da primeira edição.

Publicado de 1937 a 1970 com poucas interrupções, totaliza 24 volumes que se encontram disponíveis para consulta no Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço, no Colégio Americano e na Biblioteca do Centro Universitário IPA Metodista, todos em bom estado de conservação. Aqui, interessa investigar o período compreendido entre 1937 e 1954, para identificar alguns discursos difundidos no anuário e analisar a materialidade destas doze edições. A opção por esta temporalidade se deve ao fato de que durante estes anos, o professor Oscar Machado da Silva esteve à frente da Reitoria da Instituição, fomentando a produção do anuário e outros símbolos de pertencimento ao Colégio.

Primeiramente, chamo atenção para o nome *Colunas* que faz referência direta à própria instituição. O prédio principal do IPA, conforme exposto anteriormente, foi construído em estilo neoclássico e possui uma escadaria encimada por um pórtico com quatro *Colunas* jônicas, sobre as quais, na faixa do frontão triangular, lê-se *Instituto Porto Alegre*. A visão desta fachada é bastante valorizada em todo o anuário, muitas são as fotografias e impressões de baixo relevo na capa que parecem querer eternizar e valorizar a grandiosidade da instituição.

Ao longo dos doze anos analisados, a identificação do órgão escolar responsável pela publicação do *Colunas* passou por dois momentos. Na maioria dos anos, o impresso foi

apresentado como sendo “Uma Publicação do Instituto Porto Alegre” (1937, 1938, 1945, 1948, 1952 a 1954), claramente uma publicação de cunho institucional. E por três anos passou a apresentar-se como uma “Publicação dos Alunos do Instituto Porto Alegre” (1949, 1950 e 1951). Talvez, esta sutil alteração se deva ao fato de não aparecerem nomes de professores na nominata dos editores destes três anos, como acontece nos demais. Fora esta pequena mudança, não é possível identificar diferenças significativas quanto às características gerais da editoração que indiquem maior ou menor grau de envolvimento dos alunos, pois tudo está em conformidade com as demais edições. Apenas em 1939 e 1940 não houve indicação de quem oferecia a edição. Com base nisso, é de se pensar se, de fato, o *Colunas* refletia os discentes do IPA ou se constituía no principal modo de legitimação das práticas educacionais Metodistas. Quantos alunos será que efetivamente se envolviam com o anuário como autores ou leitores?

O forte caráter institucional da publicação é percebido em todas as edições e sua editoração foi claramente feita para ser guardada pelas famílias com vistas à perenidade. Talvez, por esta característica na edição de 1951, o Reitor Oscar Machado escreveu um pequeno texto “para ser lido daqui a vinte anos” (p.2):

O Olvido é um fenômeno psicológico tão natural quanto a Recordação. Por isso, nossa vida mental gira, em grande parte, entre dois pólos: a Memória e o Esquecimento. [...] *Colunas* não é uma obra feita para o Presente. Seu inestimável valor está em que, no Futuro, será uma fonte inexaurível de suaves recordações. (*Colunas*, 1951)

Para o fundador do *Colunas*, o anuário parecia servir como um meio de proporcionar que as memórias individuais e coletivas da comunidade escolar fossem, de certo modo, perpetuadas. Para Halbwachs (1990), a memória é uma dimensão das vivências físicas e afetivas e está presente na identidade de um grupo. Aqueles que lessem o anuário anos mais tarde, provavelmente não o leriam da mesma forma, cada um faria uma leitura própria das lembranças ali contidas, pois de acordo com Stephanou e Bastos (2005), reconstruímos o passado a partir do que nos parece significativo, e ele “pode ser possuído diferentemente por muitos” (p. 420).

## 5.1 Exame da Materialidade

O *Colunas* não é um periódico com características efêmeras como um jornal, isso se torna evidente no seu modo de apresentação. A maioria das edições possui capa dura com encadernação tipo brochura, medindo 27,5cm de altura por 19,5cm de largura e folhas em papel *couche*, denotando preocupação com a qualidade da apresentação do material. Conforme apresentado na Tabela 1, a quantidade de páginas varia entre 150 e 250 e, via de regra, trazem poucos textos e muitas fotografias que se repetiram por muitos anos, por exemplo, imagens da fachada e espaços do IPA, bem como alguns professores e administradores.

**Tabela 1:** Comparativo entre páginas e quantidade de fotografias

Ano	Páginas	Fotografias
1937	82	386
1938	134	392
1938	174	528
1940	<i>Edição não localizada</i>	
1945	166	585
1948	880	623
1949	125	709
1950	174	861
1951	203	963
1952	237	1.006
1953	248	1.128
1954	240	1.147
<b>Total</b>	<b>1.863</b>	<b>8.331</b>

A grande profusão de imagens, cerca de oito mil e trezentas, que compõem o impresso é um aspecto importante a ser analisado na trajetória de circulação do *Colunas*. Elas são tomadas aqui, no sentido de representações das vivências no colégio e, longe de serem simples ilustrações, algumas podem ser identificadas como complementos dos textos escritos ou podem assumir significados maiores, como “protagonistas da mensagem escrita ao trazer à escola o mundo tal qual ele deve ser percebido” (BASTOS; LEMOS; BUSNELLO, 2006, p. 42).

De modo geral, as fotografias faziam parte do projeto de construção e legitimação das ações de determinados grupos sociais, neste caso a apresentação do projeto Metodista de formação do sujeito integral, apto a servir a sociedade que se consolidava. Para Monteiro, a publicação de imagens em jornais e revistas “ajudavam a dar visibilidade, davam

a ver certos grupos e práticas sociais, bem como construíam hierarquias e diferenças sociais” (MONTEIRO, 2012, p.31). Se pensarmos no *Colunas* comparativamente com outros impressos escolares do mesmo período na cidade de Porto Alegre, a disparidade na quantidade de fotografias fica evidente, talvez devido aos investimentos estrangeiros que proporcionavam maiores recursos para sua publicação.

Fotografias escolares podem ser consideradas testemunhos de um modo de ser e de representar a escola, de acordo com Souza (2001, p. 79), elas “constituem um gênero de fotografias muito difundido a partir do início do século XX [...]. Entre os diversos tipos de conteúdos temáticos retratados, o mais popular é a foto de classe” que, casualmente é o estilo menos identificado em todo *Colunas*. Outras representações mais fluídas tentavam parecer espontâneas e retratavam momentos especiais da vida escolar como, espaços e ambientes da escola com ou sem alunos, solenidades, atividades, viagens, festas, exposições escolares, aulas de educação física e os retratos de professores, reitores, inspetores e funcionários. Estes registros preservaram a memória institucional e ajudaram a legitimar discursos, símbolos, normas e valores presentes no periódico como “um instrumento de memória institucional e de recordação” (SOUZA, 2001, p. 78).

Apesar de haver maior quantidade de imagens que textos, pequenas frases localizadas abaixo ou ao lado das fotografias complementam a apresentação das instalações físicas do colégio e das atividades desenvolvidas na instituição. Nesse sentido, as legendas parecem atestar aquilo que as imagens mostram, como no caso de 1949 onde se vê o Estádio da Liberdade com a frase “Aqui se temperam os músculos...” e abaixo, o prédio principal com uma legenda que completa a primeira “...e aqui o caráter”. Chartier (1998), nos ajuda a compreender que as imagens não devem ser encaradas como simples ilustrações contidas nos impressos, elas possuem uma motivação mesmo que inconsciente para serem utilizadas em determinados lugares e com determinados textos, o que parece ficar muito claro no caso deste periódico.

Desde o primeiro volume do *Colunas*, observa-se constantemente a imagem da fachada do prédio do IPA adornando as capas (Figura 4). Poucas variações são vistas nas cores, nas letras, nas impressões em baixo relevo e nas fotografias das *Colunas* que são retratadas pelo ângulo da direita ou esquerda. De 1952 a 1954 há na capa, o acréscimo da frase “Publicação do Instituto Porto Alegre” logo abaixo do nome do anuário, demonstrando ser um material oficial da instituição.



Figura 4: Capas das edições do *Colunas* de 1937 a 1954  
 Fonte: MMEBI

Embora nesta descrição, as imagens das capas tenham sido tomadas isoladamente, Bastos *et al* (2007) atenta que elas estão ligadas organicamente ao periódico como um todo, formando uma cultura do impresso e “expressam a representação de um modelo de escola” (p. 59) ideal que deve ser transmitido àqueles que fazem ou que farão parte da instituição. No *Colunas*, o IPA buscava pela apresentação de seu suporte “conquistar a adesão de quem olha e [...] produzir persuasão e crença” (CHARTIER, 1998, p.16) sobre os ideais e práticas pedagógicas divulgadas.

O modelo editorial deste periódico, assim como diversas outras características do IPA apresentadas ao longo deste texto, parece fortemente inspirado nos padrões dos *yearbooks*<sup>15</sup> norte-americanos, principalmente os publicados pelas instituições nas quais o Reitor Oscar Machado estudou na década de 1920. Formado em Pedagogia pelo *Birmingham Southern College* do Alabama e em Filosofia pela *Southern Methodist University* de Dallas (GOMES, 2003), Oscar parece ter incorporado à vida do IPA muitos elementos com os quais teve contato durante sua estada nos EUA.

---

<sup>15</sup> Livros anuais publicados pelas escolas e universidades norte americanas com fotografias dos alunos, professores e outros aspectos da vida escolar, incluindo espaços para assinaturas e mensagens.

As semelhanças entre o *Colunas*, o *La Revue do Birmingham* e o Rotunda da SMU são incontestáveis, por este motivo merecem certo destaque. Ambos *yearbooks* são editados até a presente data e encontram-se disponíveis para consulta *online* nas páginas das Universidades<sup>16</sup>. Com isso, vemos que as capas, as folhas de rosto, os editoriais, as seções, o tratamento das imagens e dos textos vão além de uma *mimetização*, pode-se dizer que há uma imitação com conotação de cópia das publicações americanas (Figura 5).

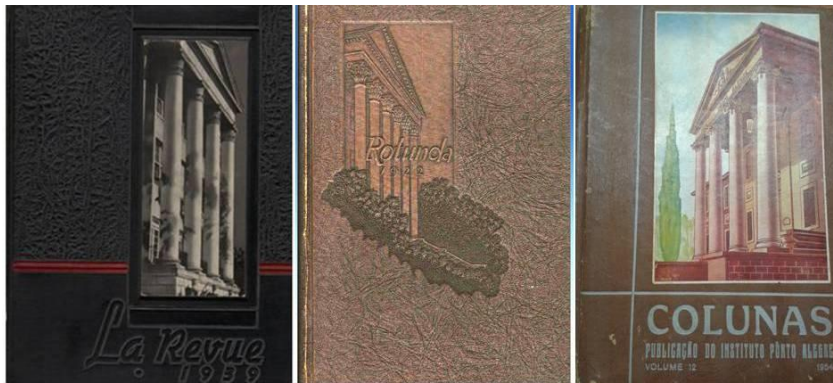


Figura 5: Comparativo entre as Capas dos *yearbooks* *La Revue, Birmingham* (esquerda), *Rotunda, SMU*, (centro) e do anuário *Colunas, IPA* (direita).

Fonte: *La Revue* e *Rotunda* - online e *Colunas* - MMEBI

A alguns títulos do *Colunas* são como traduções das seções dos periódicos americanos. Em rápida análise vemos que os textos e o modo como as fotografias são apresentadas também possuem muitas aproximações, por exemplo, as seções: *Dedicação/Dedication* – normalmente dedica o anuário a um antigo reitor ou professor; *Editores/Editors* – apresentam os alunos e professores que trabalharam como editores no ano; *Alma Mater/Alma Mater* – textos e fotografias que mostram a grandiosidade das instituições; *Classes/Classes* – Fotografias e breves biografias dos alunos. Entre outras características, os elementos gráficos utilizados nas edições analisadas do *Colunas*, sugerem que o professor Oscar Machado trouxe um modelo pronto para ser implantado no IPA com poucas adaptações como se aqueles jovens não pudessem ser, verdadeiramente, os protagonistas das práticas que realizavam. Inclusive as mesmas imagens foram publicadas como vemos na seção *Dedicação/Dedication* abaixo:

<sup>16</sup> Rotunda, SMU - <http://memories.smu.edu/>

*La Revue, Birmingham* - <https://archive.org/details/birminghamssouthern>



Figura 6: Comparativo entre as seções do *Colunas* (IPA), *Rotunda* (SMU) e *La Revue* (*Birmingham*).  
 Fonte: *La Revue* e *Rotunda* - online e *Colunas* - MMEBI

Imagens e textos são protocolos de leitura, ou seja, elementos disseminados pelo autor no texto para indicar àquele que lê o tipo de apropriação que deve fazer dos significados contidos em suas páginas (Chartier, 1996). Suporte e texto são pensados para serem manuseados, transportados, colecionados, vistos e sujeitos a várias utilizações. Todas essas impressões geram práticas diversas de leitura. Segundo Burke (2008) “a aparência física da página impressa funciona como uma série de deixas para os leitores, encorajando-os a interpretar o texto de uma maneira e não de outra” (p. 91).

Assim, texto, suporte e escrita são três elementos que não existem separadamente e que estão imbricados um no outro. No *Colunas*, parece haver certa intenção de aproximar a realidade dos jovens gaúchos aos padrões americanos que intencional e gradativamente estavam sendo implantados na sua formação. Longe de pensar que essa seja uma questão secundária, Chartier (2002) explica que os textos não são abstratos ou neutros e não existem fora de sua materialidade.

Anualmente a organização do periódico ficava a cargo de uma equipe editorial, normalmente composta por alunos e professores. A responsabilidade desse grupo era

registrar por meio de fotografias e pequenos textos, os acontecimentos que expressassem os múltiplos elementos da vida do internato ao longo do ano. Provavelmente, para garantir a melhor qualidade das imagens que seriam divulgadas no anuário, que de certo modo era uma apresentação pública da instituição, todas as fotografias publicadas eram feitas por fotógrafos de estúdios contratados pelo Colégio. O Stúdio Carraro e o senhor Armando Czamanski, aparentemente por muitos anos, conviveram no dia a dia do IPA procurando eternizar os momentos considerados dignos de serem publicizados.

De acordo com Monteiro (2012), foi a partir da Segunda Guerra Mundial que os fotógrafos passaram a ter seus nomes mencionados como autores das imagens publicadas em jornais e revistas ilustradas, mas no *Colunas*, observa-se que desde a primeira edição, datada de 1937, todas as fotos aparecem assinadas. Talvez, por se tratar de uma maneira de divulgar os serviços dos profissionais para o público leitor. Quanto à fotografia, o mesmo autor destaca que ela “é uma convenção do olhar e uma linguagem de representação e expressão de um olhar sobre o mundo” (*Ibidem*, p.14) deste modo, está sujeita as mais diversas interpretações e leituras. A imagem captada pelos fotógrafos do IPA possui uma intencionalidade e está imersa no contexto de expressar os melhores aspectos do Colégio e ampliar na comunidade, o “Espírito Ipaense”.

Pode-se dizer que a leitura do periódico, feita por alunos, familiares, professores e ex-alunos suscitava naqueles que conhecessem a *Escola Magestosa*<sup>17</sup>, um olhar saudosista daquele *Segundo Lar* que transmitia saberes que oportunizavam a “transformação de rapazes em homens” (*Colunas*,1945). O anuário, rico em imagens, eternizaria um “mundo de recordações suaves e amigas [ao] rever suas fotografias! Toda vida do IPA [...] perpassava [a] imaginação em lances sucessivos e emocionantes” (*Colunas*, 1951). Para muitos, talvez o *Colunas* fosse parte do álbum de família, um “objeto impregnado de afetividade e recordação” (SOUZA, 2001, p. 79).

---

<sup>17</sup>Ao longo das edições do *Colunas*, o IPA é denominado como Escola Magestosa, Gigante de Granito ou Segundo Lar localizado no Morro Milenar. As expressões procuravam demonstrar a grandiosidade do Colégio.



## 5.2 Exame dos Discursos

A imprensa escolar permite apreender um pouco da cultura do IPA e o periódico *Colunas* nos instiga a perceber algumas práticas educativas daqueles tempos. Segundo Fischer (2004), inspirada em Foucault, os periódicos influenciam o processo de subjetivação dos leitores. Os discursos que se apresentam nos textos consultados ajudam a constituir o próprio objeto de que falavam aqueles rapazes estudantes de diferentes cursos, fossem eles interno ou não. Estes jovens testemunharam significativas transformações no cenário educacional brasileiro, entre 1930 e 1950, que culminaram em mudanças internas no IPA.

Identificam-se no *Colunas*, dois tipos de discursos, um de exaltação ao IPA e ao anuário *Colunas* e outro que transgride a regra de glorificar a instituição, talvez como forma de “não aceitação e de contestação velada” (ALMEIDA, 2009, p. 7) às práticas difundidas pelo Reitor Oscar Machado. Cabe dizer, que ao analisar o periódico é importante entender a participação dos alunos como escreventes, tendo clareza que quando se lê um texto, se dialoga com uma rede de autores, para além dos alunos. Ou seja, a autoria do anuário está em questão, juntamente com a interferência empregada pelo Reitor, o editor, o tipógrafo, o fotógrafo e os professores. Esses atravessamentos promovem transformações discursivas nos textos e nas imagens trazidas como expressões espontâneas nas páginas do *Colunas*.

Percebe-se ao longo dos anos, muitas interferências dos professores e administradores do IPA na escrita dos textos publicados, bem como nas fotografias escolhidas para representá-las. O *Colunas* era o principal meio de “informar e divulgar as iniciativas do colégio, um instrumento de propaganda [...]. Parece que se publicava aquilo que era de interesse da instituição e que, portanto, colaborava para forjar uma imagem positiva” (ALMEIDA, 2013, p.277) sobre as melhores práticas do colégio. Ou quem sabe, o *Colunas* era um meio de legitimar as ações do Reitor Oscar Machado e eternizar seu nome na história da Instituição?

Machado foi um dos autores que mais publicou textos no anuário no período analisado. Seus escritos valorizavam e exaltavam a grandiosidade da *Escola Magestosa*, além de, constantemente salientar a importância da publicação do *Colunas* como um meio para manter o “Espírito Ipaense” vivo para as gerações futuras. Falava aos leitores sobre o tempo *glorioso* em que viviam e do quão abençoados seriam aqueles que, no futuro, pudessem

recordar do IPA como um “manancial de recordações. Que momentos felizes! Teremos muito que recordar [...] e quando estivermos velhos com nossa missão cumprida aqui na terra [...] *Colunas* nos fará viver novamente” (*Colunas*, 1950). Talvez hoje, seja possível dizer que, de certa forma seu objetivo em perpetuar a materialidade deste anuário tenha sido atingido. Contudo, com a modernização e a dissolução da escola básica do IPA, em 2003, tais memórias são apenas vestígios daquele tempo, presentes nas prateleiras da Biblioteca do Centro Universitário IPA e no Museu do Colégio Americano.

Para além dos escritos do Reitor Machado, vemos que os professores também estavam encarregados de transmitir aos jovens a consciência de que faziam parte de uma instituição *sui generis* que seria a responsável não apenas por seus destinos, mas pela constituição de suas personalidades. Em um texto intitulado “Recordar é Viver”, publicado em 1951, o professor João Henrique Fassina, docente de Língua Portuguesa e Francesa escreve um como se falasse aos antigos alunos, procurando fazer um ligeiro apanhado dos passos que os conduziram até a *Escola Magestosa* e que, a partir dela se “aprimorou a personalidade, amoldou o caráter” e os levou pelo caminho do sucesso e da felicidade para um “futuro promissor” (*Colunas*, 1951). A ideia deste e de outros textos, parece indicar um desejo da instituição de que o *Colunas* fosse lido durante muitos anos e que os alunos fossem capazes de recordar os melhores momentos de suas vidas e conferir ao IPA o devido reconhecimento pelo sucesso alcançado.

Pelo fato dos textos não serem neutros e possuírem uma intencionalidade, percebe-se que os próprios alunos se apropriaram dos discursos de exaltação ao IPA. Em 1954, o jovem Luiz Antonio Cecchini da 4ª série, aborda as características que ajudam a construir e fomentar recordações sobre a instituição, já que “quando sairmos do IPA apresentaremos traços marcantes de nossa personalidade. Levaremos um manancial de recordações de parte da nossa vida passada no Morro Milenar [...] devido a grandiosidade do Espírito Ipaense, latente em todos aqueles que passaram por nossa escola”. Assim, o IPA e o *Colunas* funcionam como lugares de memória que eternizam lembranças e fazem referências à pessoas, cenários e acontecimentos através das imagens e narrativas que apresenta. De acordo com Pierre Nora (1993), não somos feitos de esquecimentos, mas de lembranças que precisam ser estimuladas, pois as memórias não são espontâneas, por isso se faz necessário criar meios que ajudem na operação de recordar.

Apesar do *Colunas* constituir-se em um instrumento que legitimava os discursos que valorizavam a instituição, sutilmente ele se transformou em um espaço de transgressão que divulgava certas críticas a algumas práticas de alunos e professores. Havia uma seção chamada Formandos e nela, os editores escreviam pequenas biografias sobre os alunos que concluíam os cursos. Em meio a indicação da cidade de origem, idade, data que chegou ao Morro Milenar e expectativas do formando quanto ao seu futuro, havia uma ou outra frase irônica sobre as *qualidades* e características dos colegas:

“[...] é um dos bons alunos da classe, mas o mal dele é o fraco pelas morenas”;  
 “[...] muito inteligente! No cenário Ipaense faz papéis diversos o que, de quando em vez, lhe proporcionava férias”;  
 “Segundo as más línguas, o Chibo [...] ainda não se acordou. Seu sonho é Medicina [...] se acordar em tempo.” (*Colunas*, 1948).

Talvez, os Editores utilizassem estas biografias para apontar atitudes que, de certo modo, se distanciavam dos padrões da comunidade ipaense, como é o caso do aluno que ganhava “férias” das atividades do internato por fazer “papéis diversos”. Que papéis será que ele realizava para conseguir mais folga que os demais internos? Será que os outros internos tinham oportunidade de conseguir alguns benefícios ou eram apenas os mais “inteligentes”?

Um discurso que foge dos observados até 1951, é a divulgação de imagens que parecem criticar os docentes. Trata-se de alegorias que mostram os rostos dos professores sobrepondo outros corpos em rústicas montagens fotográficas, normalmente em situações de sala de aula. Ao lado ou abaixo da imagem havia um agradecimento da turma de formandos e o que poderia se chamar de uma biografia que expõe características peculiares do professor e torna a imagem, de certo modo, compreensível. Este é o caso do professor Cayoby de Oliveira de Matemática (Figura 6) que é retratado segurando um ralador, pois “é o inventor do ralômetro, cuja finalidade precípua é descobrir os sapientes” (*Colunas*, 1951).



Figura 7: Professor Cayoby segurando um ralador  
 Fonte: *Colunas*, 1951

Assim como as biografias dos formandos que expunham críticas veladas às atitudes de alguns colegas, estas montagens talvez fossem o modo dos alunos mostrarem aquilo que os incomodava nas práticas dos professores, afinal era uma época em que suas opiniões não eram consideradas. Embora esta imagem possa suscitar diferentes interpretações, fica evidente pelo texto que a acompanha, que este professor de matemática era aquele que os alunos consideravam *durão*, seja porque talvez reprovasse ou cobrasse excelentes resultados dos alunos *sapientes*.

Deste modo, a visão do docente com uma cabeça desproporcional a um corpo que não lhe pertence, pode ser encarada como uma representação da realidade e dos sentimentos vividos por aqueles jovens. Segundo Pesavento (2003) “representar é, fundamentalmente, estar no lugar de [...]” (p. 40), não como uma cópia fiel do real que representa, mas como uma construção feita a partir dele e que pelo simbolismo que carregam, “dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos” (p.40).

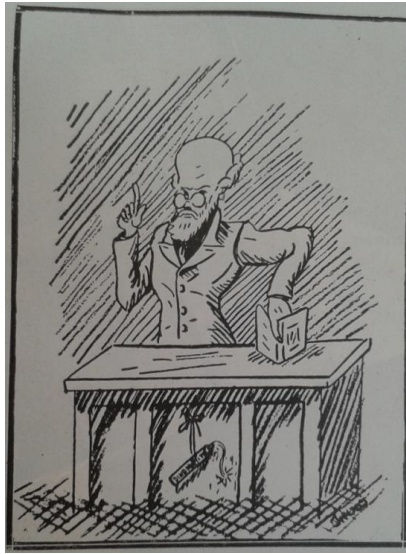
### 5.3 Charges

Apesar de as vozes dos alunos serem menos identificadas no *Colunas* do que as do reitor e professores, quando as identificamos, salta aos olhos a riqueza das possibilidades de

análise daquilo que mostram. De 1938 a 1951 publicavam uma série de desenhos nas divisórias das seções do anuário que foram identificados como charges.

Conforme Alves, Pereira e Cabral (2013) a charge pode ser encarada como um texto que possui elementos verbais e não verbais que possibilitam a leitura e a interpretação de sua manifestação comunicativa. Seu papel “é o de contradizer de forma sutil, inteligente e bem humorada o que é posto” (p.422), além de fazer uma crítica sobre temas contemporâneos ou pessoas conhecidas no meio onde a charge circula. De acordo com as autoras, o público se sente atraído por este tipo de representação, pois a leitura da imagem normalmente é de fácil compreensão e transmite múltiplas informações de forma condensada.

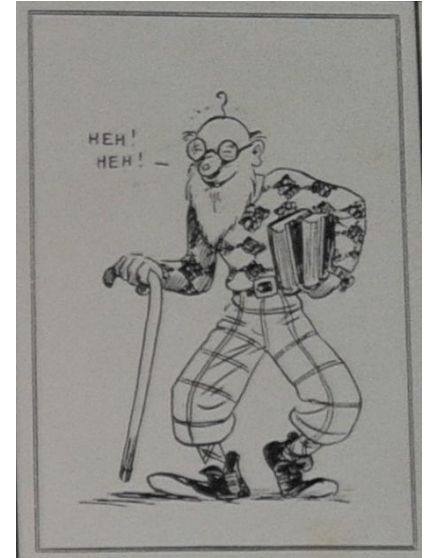
As charges do *Colunas* normalmente faziam referência ao ambiente escolar, porém outros lugares e ações alheios à escola são identificados. Para Pilla e Quadro (2009), ao analisarmos o sentido do discurso presente nas charges é necessário atentar para as estratégias, “muitas vezes silenciosas e sutis, que insinuem leituras e escrituras no fio discursivo. Em síntese, observar os jogos cênicos, as entrelinhas, o explícito e o implícito, o dito e o não dito” (p.2). As charges presentes no *Colunas* são emblemáticas, pois apresentam estereótipos atribuídos a professores, críticas e ideais imaginados para os alunos. Na seção Professores (Figura 8), por exemplo, os docentes são vistos como senhores mais velho com semblante austero, rodeados por livros e portando óculos ou bengala, objetos marcadores de uma idade avançada. Na edição de 1949, a figura apesar da barba traz feições amenas e parece dançar enquanto segue seu caminho carregando alguns livros, do mesmo modo que dez anos antes, o professor mesmo portando uma bengala e carregando livros parece sorrir. Destaco que, em 1938 e 1950 a mesma imagem foi publicada, variando apenas o tamanho da impressão onde há um professor sisudo e careca em pé atrás de uma mesa, segurando um livro com a mão esquerda enquanto a mão direita, em riste, parece passar um sermão. O que talvez ele não saiba é que embaixo da mesa encontra-se algo que, identifico como uma dinamite, aparentemente prestes a explodir. A imagem não apresenta pistas para identificar quem era o professor alvo do desejo de que se explodisse, mas talvez possa fazer recordar as críticas apresentadas por montagens anteriormente.



1938/1950



1949



1939

Figura 8: Representação dos professores nas charges das seções do *Colunas*.  
Fonte: *Colunas*

Outra representação que diz mais do que mostra, pelo simbolismo que carrega, é a das charges em os próprios alunos se retratam. A seção *Classes* apresentava fotografias (individuais e de classe) e a nominata dos alunos que haviam passado pelo IPA no ano da publicação. Os desenhos (Figura 9) mostram os jovens rapazes em duas situações distintas: dentro e fora da escola. Há uma clara diferença entre estas imagens, pois quando estão no ambiente escolar se desenhavam como pessoas cansadas, desanimadas e que parecem desejar fugir de opressoras pilhas de livros prestes a cair sobre eles. É provável que

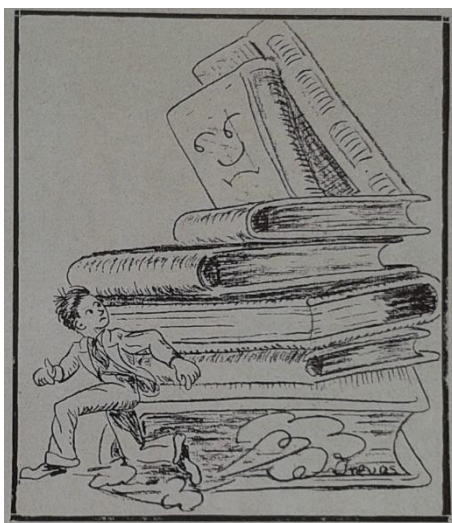


Figura 9: Representação dos alunos dentro da Escola

Quando se representavam fora do ambiente escolar (Figura 10), identificavam-se com características de liberdade, de alegria e prazeres próprios da idade, como por exemplo, o namoro, o descanso, as brincadeiras a leitura fruição, coisas que não possuem espaço dentro do ambiente escolar

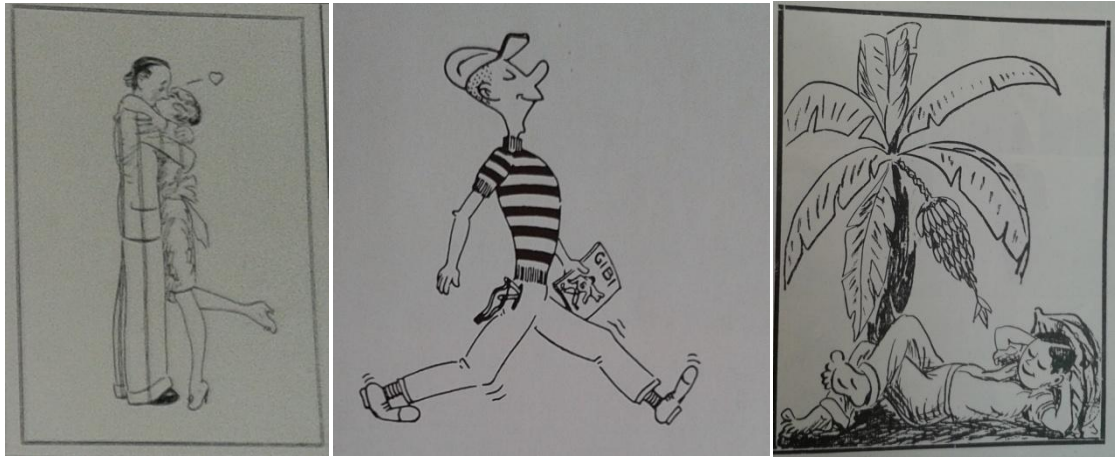


Figura 10: Representação dos alunos fora da Escola

De acordo com Almeida (2010) a escola funciona como um microcosmo social, um espaço que, além de favorecer o amadurecimento intelectual dos sujeitos, reproduz discursos que revelam as representações construídas acerca das identidades dos rapazes. Através das evidências localizadas no anuário é possível “perceber as condições de produção de conceitos de culturas juvenis, particularmente considerando a formação discente promovida por uma escola da rede privada de ensino” (p.8) fortemente ligada às concepções de ensino Metodista. Através das múltiplas relações que rodeiam as práticas destes alunos e pelos discursos que os rodeiam sujeitos estão em permanente atualização e acabam se constituindo enquanto sujeitos.

## 6 CONSIDERAÇÕES

O propósito deste estudo foi analisar alguns discursos presentes no anuário *Colunas*. Trata-se de um dispositivo privilegiado que possibilita uma melhor compreensão e percepção do contexto formativo dos sujeitos pertencentes a cultura escolar do IPA Metodista.

A partir da classificação do acervo consultado como uma espécie de inventário, foi possível selecionar aquilo que, de alguma forma, interpelava minha subjetividade de jovem pesquisadora, a fim de analisar os escritos para indagá-los e problematizá-los. A partir da historicização dessas fontes, da análise de seus suportes materiais e dos significados de alguns discursos, apreendeu-se indícios de saberes e práticas escolares que evidenciam as identidades daqueles sujeitos que estudavam em uma instituição com características marcadamente estrangeiras.

O período compreendido entre 1937 e 1954, constituiu-se tanto de momentos de transição quanto de permanências. As mudanças impostas pelos poderes governamentais que exigiram a nacionalização do Porto Alegre *College* não parecem ter sido suficientes para que as atitudes e os sentimentos constituidores de um *espírito* estrangeiro fosse simplesmente nacionalizado e incorporado ao dia a dia do IPA. Símbolos, hinos e organizações ao mesmo tempo em que eram identificados como o *Espírito Ipaense* eram uma mimetização de práticas e sentimentos vistos em universidades americanas que foram por anos propagados no IPA sem uma aparente crítica.

O anuário *Colunas*, fortemente atrelado ao formato estético e discursivo de dois *yearbooks* americanos acabou possibilitando a divulgação de algumas marcas de transgressão que, através de charges, satirizavam acontecimentos e personagens do universo escolar. Quem sabe, a partir de marcas sutis como as charges, aqueles rapazes conseguiram expressar suas identidades dentro da escola. Aparentemente os missionários Metodistas que estavam presentes no cotidiano do IPA, pretendiam que os rapazes aderissem não só aos símbolos americanos, mas também a um discurso que colocava os Estados Unidos na posição de um ideal de liberdade e progresso que poderia ser alcançado.

É importante também enfatizar que este estudo é uma contribuição para a História da Educação, principalmente pensando nas escritas e marcas que os jovens deixaram em



diferentes suportes e por tanto tempo foram deixadas de lado pela historiografia oficial da educação, portanto, busca-se valorizar as múltiplas produções desses sujeitos.

Por fim, cabe destacar o valor do museu, no caso o Museu Metodista localizado no Colégio Americano, enquanto um lugar de memórias preocupado em preservar e transmitir lembranças de um outro tempo. Sem ele, talvez não fosse possível acessar tantas edições que foram eternizadas pelo colégio ou famílias que para lá levaram seus anuários no afã de perpetuar aquelas memórias que foram colocadas em um suporte diferenciado, justamente para ser preservado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. O Crisol: Periódico das Alunas do Colégio Americano (Porto Alegre/Rs, 1945-1964). In: **Revista da Educação - RHE**, v. 17, p. 267-290, 2013.

\_\_\_\_\_. O Clarim: memórias de culturas juvenis. IX Congresso IberoAmericano de História da Educação Latino Americana. 2009. (Congresso).

ALVES, Telma Lucia Bezerra, PEREIRA, Suellen Silva, CABRAL, Laíse do Nascimento. A utilização de charges e tiras humorísticas como recurso didático-pedagógico mobilizador no processo de ensino-aprendizagem da Geografia Educação. **Revista do Centro de Educação**. 2013, Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117127493015>> ISSN 0101-9031. Acesso em: 02 jul. 2014

BASTOS, M.H.C.; LEMOS, E.A.; BUSNELLO, F. B. Pedagogia da Ilustração: uma face do impresso. In: BENCOSTTA, Marcus Levy A. (Org.) **Pesquisa Sobre Cultura Escolar: perspectivas históricas**. São Paulo: Cortez, 2006.

BASTOS, Maria Helena C. ; ERMEL, Tatiane de F. . O Jornal 'A Voz da Escola': escritas dos alunos do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS 1934-1940). **Revista da Educação - RHE**, v. 17, p. 143-173, 2013.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **A Revista do Ensino do Rio Grande Do Sul (1939 – 1942): O novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005

BOSI, Ecléa. **Memória & Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 1995, p. 55

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, 1989.

BURKE, Peter. **O Que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Educação em Revista: A imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 5-10.

CHARTIER, Roger. **As Utilizações do Objecto Impresso**. Miraflores: Difel, 1998.

\_\_\_\_\_. Práticas da leitura. São Paulo : Estação Liberdade, 1996. 268p.

\_\_\_\_\_. O Mundo como Representação. In: \_\_\_\_\_. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Nas Margens do Instituído: memória/educação. In. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (5): 23-38, abril de 1999.

DORNELES, Simone Silva. **O Sujeito do Discurso**: Uma leitura de gênero das Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista. São Leopoldo- Ed. Sinodal. 2006

ESCOLANO, Agustín. Presentación. In: **Cien Años de Escuela em España (1875-1975)**. Salamanca: Kadmos, 1990.

FISCHER, Beatriz Daudt. A Professora Primária nos Impressos Pedagógicos. In. STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2004, p.324-335.

FONSECA, Denise Grosso. A educação metodista no Brasil e no Rio Grande do Sul: (re)visitando a história Centro Universitário Metodista, do IPA. **Revista Ciência em Movimento**, Ano XI, Nº 22, 2009/2. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-lpa/index.php/EDH/article/viewFile/117/82>. Acesso em: 10 nov. 2013.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de La Educación Y Historia Cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, SP, n. 0, p. 63-82, set./out./nov./dez. 1995.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Elaine Marta Teixeira. **Território Plural**: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.

GATTI JÚNIOR, Décio. A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JR., Décio (orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Uberlândia: EDUFU, 2002.

GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura**. Edições Loyola. 2001. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=tZGDi6EPPoC&pg=PA4&lpg=PA4&dq=GLANCEY,+Jonathan.+A+hist%C3%B3ria+da+Arquitetura.+Edi%C3%A7%C3%B5es+Loyola.+2001.&source=bl&ots=HRxcNeuuwX&sig=UB6\\_9Qylswng3uMVpgDUEoKHUyY&hl=pt-BR&sa=X&ei=2GijU4L-B4aEqgbk0oLQCQ&ved=0CBwQ6AEwAA#v=onepage&q=GLANCEY%2C%20Jonathan.%20A%20hist%C3%B3ria%20da%20Arquitetura.%20Edi%C3%A7%C3%B5es%20Loyola.%202001.&f=false](http://books.google.com.br/books?id=tZGDi6EPPoC&pg=PA4&lpg=PA4&dq=GLANCEY,+Jonathan.+A+hist%C3%B3ria+da+Arquitetura.+Edi%C3%A7%C3%B5es+Loyola.+2001.&source=bl&ots=HRxcNeuuwX&sig=UB6_9Qylswng3uMVpgDUEoKHUyY&hl=pt-BR&sa=X&ei=2GijU4L-B4aEqgbk0oLQCQ&ved=0CBwQ6AEwAA#v=onepage&q=GLANCEY%2C%20Jonathan.%20A%20hist%C3%B3ria%20da%20Arquitetura.%20Edi%C3%A7%C3%B5es%20Loyola.%202001.&f=false). Acesso em 19 jun. 2014

GOMES, William B. **Pesquisa e Prática em Psicologia no Brasil**. 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/museupsi/biooscarmachado.htm>. Acesso em: 13 mar. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001

MENEGHETTI, Rosa Gitana Krob. **A Proposta Educacional Metodista no Brasil**. HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil Anais do IV Seminário Nacional. 2008 Disponível em:

[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab079.rtf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab079.rtf). Acesso em: 31 mai. 2014

MESQUIDA, Peri. **Metodismo e Educação no Brasil**: formar elites e civilizar a nação. In: Revista do COGEIME. Encontro Nacional, Piracicaba, 1988.

\_\_\_\_\_. **Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante No Brasil**. Juiz de Fora/São Bernardo: Ed. UFJF/Editeo, 1994.

MONTEIRO, Charles (org.). **Fotografia, História e Cultura Visual**: pesquisas recentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993.

NÓVOA, Antônio. Apresentação. In. STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Adriana Rivoire Menelli de. **A Trajetória e a Mudança na Educação Superior**. Porto Alegre, 2008. 250 f. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2693>. Acesso em: 25 abr. 2014

OLIVEN, Arabela Campos. **A Marca de Origem**: comparando *Colleges* norte-americanos e Faculdades brasileiras. In: Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, p. 111-135, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0735125.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2014.

PERES, Eliane. A Escola Ativa na Visão de Adolphe Ferrière: Elementos para Compreender a Escola Nova no Brasil. In. STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PILLA, A.; QUADROS, C. B.. **Charges**: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2082-1.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2014.

REILY, Duncan Alexander. Momentos Decisivos do Metodismo. SP 1991. In: **Imprensa metodista**. Disponível em: [www.metodista.org.br](http://www.metodista.org.br), Acesso em: 30 mai. 2014.

SCHROEDER, Edni Oscar. **Análise da Proposta Educacional das Escolas Metodistas**. Dissertação de mestrado em Educação (FGV) 1982 Orientador: Elter Dias Maciel. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9115/000047289.pdf?sequence=1> . Acesso em: 12 fev. 2014

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias Escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. In: **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, p. 75-101, 2001, Ed. UFPR.

SOUZA, Gláucia de. **Tecelina**. Ilustrações de Cristina Biazetto. 3. ed. Porto Alegre: Editora Projeto, 2002. 40p.

STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara, Beatriz Daudt. Introdução. In. \_\_\_\_\_ (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação No Brasil**, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2003